



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – DEAD
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

MARIVANE DE FÁTIMA DA CRUZ FAVACHO

**LEITURA FILOSÓFICA COMO PROPOSTA PARA O USO DE TEXTOS
CLÁSSICOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

MACAPÁ

2018

MARIVANE DE FÁTIMA DA CRUZ FAVACHO

**LEITURA FILOSÓFICA COMO PROPOSTA PARA O USO DE TEXTOS
CLÁSSICOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Artigo científico apresentado como requisito para a obtenção do título de especialista em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio, Coordenação do Curso de Especialização de Ensino de Filosofia para o Ensino Médio da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Orientador: Prof. Ms. Cesar Augusto Mathias de Alencar.

MACAPÁ

2018

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO.....	5
1 O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO NO BRASIL	6
2 O USO DE TEXTOS FILOSÓFICOS CLÁSSICOS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA	8
3 A LEITURA FILOSÓFICA E O USO DOS TEXTOS CLÁSSICOS COMO METODOLOGIA EM SALA DE AULA	13
3.1 Método da Leitura Filosófica – Proposta	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	22

RESUMO

Este trabalho trata da leitura filosófica enquanto proposta para trabalhar, com as turmas de Filosofia do Ensino Médio, os textos clássicos. A abordagem acerca do Ensino de Filosofia no Ensino Médio começa passando pelos períodos onde a disciplina esteve presente e quando foi retirada do currículo escolar. Enfatiza-se que a Filosofia é uma disciplina do pensamento e que tem por característica ser uma atividade de criação de conceitos. Assim, a aula precisa escapar dos modelos conteudistas que simplesmente falam de História da Filosofia. Esse é um contexto desafiador para o professor, no entanto, deve ser algo encarado no dia a dia da atividade docente. A leitura de um clássico no contexto escolar faz com que o aluno compreenda a finalidade da Filosofia no Ensino Médio. Assim o que se espera com o trabalho é apresentar a leitura filosófica como metodologia para trabalhar textos clássicos em sala de aula e, com isso, possibilitar que o aluno tenha contato com a história da Filosofia, e não só isso, que a partir da leitura filosófica consiga refletir sobre o assunto em questão, conceituar, apreender os conceitos filosóficos, e aí sim problematizar e apresentar seu entendimento sobre o tema, construindo o seu filosofar.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Filosofia. Leitura Filosófica. Textos Clássicos.

ABSTRACT

This work deals with the philosophical reading as a proposal to work, with the classes of Philosophy of High School, the classic texts. The approach to Philosophy Teaching in High School begins by going through the periods where discipline was present and when it was withdrawn from the school curriculum. It is emphasized that Philosophy is a discipline of thought and that has the characteristic of being an activity of creating concepts. Thus, the lesson needs to escape the content models that simply talk about History of Philosophy. This is a challenging context for the teacher, however, should be something in the day to day activities of teaching. The reading of a classic in the school context makes the student understand the purpose of Philosophy in High School. Thus what is expected with the work is to present the philosophical reading as a methodology to work classical texts in the classroom and, with this, to enable the student to have contact with the history of Philosophy, and not only that, from reading philosophical to be able to reflect on the subject in question, conceptualize, apprehend the philosophical concepts, and then problematize and present his understanding on the subject, constructing his philosophy.

KEY WORDS: Teaching Philosophy. Philosophical Reading. Classic Texts.

INTRODUÇÃO

Este trabalho versará sobre a leitura filosófica enquanto proposta para trabalhar, com as turmas de Filosofia do Ensino Médio, o uso dos textos clássicos. Pois, como afirma Vieira e Horn (2015) em algum momento o aluno deve ter contato com o texto clássico. Nesse sentido, esse diálogo entre a tradição filosófica e o processo do filosofar tem que ser uma das principais preocupações da escola e, principalmente, do professor de Filosofia. À medida que essa prática é desenvolvida em sala de aula, ela auxilia os alunos a vivenciarem a experiência filosófica e a fazerem isso também coletivamente. Ressalta-se, porém que a proposta não tem a pretensão de ser o mote das aulas de Filosofia no Ensino Médio, mas sim de ser uma alternativa metodológica para o professor.

Em um primeiro momento será feito um breve histórico acerca do ensino de Filosofia no Brasil, a fim de oferecer um panorama sobre a oferta da Filosofia enquanto disciplina pertencente ao currículo do Ensino Médio. Em um segundo momento, será abordado o desafio do professor em sala de aula frente às indagações dos alunos quanto à finalidade do estudo de Filosofia, salientando a importância da leitura e da escrita para a vida do educando. Assim como, durante a vida escolar, o aluno tem contato com os vários tipos de texto – literários, poéticos, históricos – ele deve também ter a oportunidade de se deparar com um texto filosófico, com o intuito de fazê-lo compreender que a Filosofia é um processo reflexivo, um fazer constante à medida que pensa suas ideias em confronto com a realidade.

A leitura de um clássico no contexto escolar fomenta essa percepção da Filosofia, pois a partir da leitura desse tipo de texto o aluno se depara com o diferente, com obras que foram escritas em momentos históricos distintos, que trazem uma determinada reflexão e compreensão do contexto atual, e para chegar a esse entendimento é preciso pensar sobre aquilo que já foi pensado. É, portanto muito importante planejar de que modo o texto clássico será trabalhado em sala de aula, a forma pela qual essa importante fonte de conhecimento será utilizada com os alunos.

Mais adiante, iremos tratar da leitura filosófica de textos clássicos enquanto metodologia em sala de aula, defendendo que à medida que o aluno tem contato com o texto clássico, em sua linguagem própria, conhecendo os conceitos elaborados pelo autor, ele vai estabelecendo familiaridade com o processo de leitura e com os textos

filosóficos, e é nesse processo que o educando tem a oportunidade de ler, compreender e apreender, em um exercício interpretativo e reflexivo.

Ao final será apresentado em forma de proposta um esquema que poderá auxiliar na aplicação da metodologia de leitura filosófica em sala de aula, dinamizando com isso o uso dos textos clássicos, além de incentivar a prática da leitura e da escrita no âmbito do Ensino Médio. O esquema é dividido em dois momentos: 1 – Decodificação e decifração, que retrata a primeira leitura do aluno; 2 – Interpretação das ideias contidas no texto, onde o aluno terá a possibilidade de dialogar com o autor do texto. A partir do detalhamento desses momentos que o professor vai construindo o processo de leitura filosófica. Assim, a metodologia de leitura filosófica tem por finalidade dinamizar o uso de textos clássicos na sala de aula e, para isso, ao longo da pesquisa será abordada a importância da leitura e da escrita no processo de ensino aprendizagem e a importância dos textos filosóficos no contexto da sala de aula.

1 O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO NO BRASIL

Ao observarmos a história da educação brasileira, percebe-se que a disciplina de Filosofia nunca foi constante e regular no currículo do Ensino Médio. Neste sentido, Pinho (2014) divide o percurso da Filosofia no Brasil, no que se refere à oferta do seu ensino, em três momentos: o período colonial (que abrange os séculos XVI, XVII e XVIII), o período imperial (século XIX) e o período republicano (século XX). Em que pese esta divisão, para a presente pesquisa é relevante sublinhar que “a presença da filosofia na escola brasileira se deu de forma descontínua e frágil” (BRASIL, 2011, p.07).

No período colonial, a educação possuía um caráter catequético, era direcionada principalmente para formar homens eruditos e cristãos católicos. Nesse contexto a Filosofia chega ao Brasil com a atividade educativa dos jesuítas possuindo um cunho confessional. Com a chegada de Marques de Pombal começam a emergir os ideais iluministas e ele propõe uma série de reformas afim de instaurar uma revolução educacional pautada no modelo europeu. As mudanças não foram grandes, pois os professores haviam sido formados pelos colégios Jesuítas.

Em 1889 com a Proclamação da República, ocorreram várias reformas com a intenção era limitar e eliminar a influência da igreja católica na sociedade. Uma dessas reformas foi na educação, esperava-se com isso formar uma nova elite para o novo Estado. Assim a educação passou a ser laica e obrigação do Estado, cuja função era de disseminar os valores ideológicos do aparelho estatal.

Anos depois, com o golpe militar de 1964, a Lei nº 4.024, de 1961, determinava a descentralização do ensino e possibilitava às escolas escolherem, a partir dos modelos propostos pelo Conselho Federal de Educação e pelos Conselhos Estaduais de Educação, o tipo de currículo a ser adotado nas escolas de cada Estado brasileiro (VIEIRA, 2012, p.28).

Diante deste cenário, o momento histórico mais sensível em que é possível notar claramente a retirada da Filosofia do currículo escolar é a ditadura militar. Passado este período, a partir do movimento das Diretas Já, inicia-se o processo de reintrodução da disciplina no âmbito escolar, motivado pelo ímpeto das lutas sociais pela redemocratização do Brasil.

A partir da edição da lei 5.692 de 1971, e da Lei 7.044 de 1982, o então, segundo grau era marcado por uma formação voltada para a formação profissional, pois as empresas necessitavam de mão de obra especializada e o Estado garantia uma formação mais especializada. Com isso a Filosofia perde ainda mais espaço no contexto do ensino brasileiro.

Como o movimento de redemocratização do país muitos foram os movimentos que levantaram a bandeira do retorno da Filosofia para as escolas do Brasil. E um marco desse retorno é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/1996, que faz referência direta ao ensino de Filosofia no ensino médio. Em seu artigo 35, consta que dentre as finalidades do ensino médio está o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Com o advento desta lei é que a Filosofia se tornou uma disciplina obrigatória no currículo do ensino médio em todo o país.

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996).

Até 2008, a LDB previa que a Filosofia e a Sociologia seriam disciplinas obrigatórias em todas as séries finais da educação básica. Já a partir de 2017, o ensino médio passa a ter uma Base Nacional Comum Curricular, que inclui obrigatoriamente estudos e práticas de Educação Física, Arte, Sociologia e Filosofia no âmbito das ciências humanas e sociais aplicadas.

Um dos maiores desafios ao ensino da filosofia é a organização curricular desta disciplina nas escolas. Como não temos uma tradição escolar do ensino de filosofia, também não temos um currículo definido, a exemplo de outras disciplinas escolares (ASPIS; GALLO, 2009, p. 48).

Frente a esta conjuntura, os educadores são convidados a pensar e repensar suas práticas docentes para que a Filosofia se torne uma disciplina acessível aos educandos, mostrando a necessidade dela e sua relação com as demais disciplinas do currículo. E mais ainda, que os educandos tenham a possibilidade de experimentar a Filosofia e que o ensino viabilize a experiência filosófica.

2 O USO DE TEXTOS FILOSÓFICOS CLÁSSICOS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

O desafio do professor de Filosofia é grande. A pergunta que ele se faz no desenvolvimento da sua atividade docente é: como ensinar Filosofia e o filosofar para jovens do Ensino Médio? E não é raro ouvir relatos de professores que sentem que nas suas aulas falam sozinhos, como se não pudesse contar com a interlocução dos alunos ali presentes. Do outro lado, o aluno se queixa das aulas de Filosofia.

Uma grande preocupação no campo da educação que já há anos incomoda os profissionais desta área é a do aparentemente cada vez menor interesse que os jovens têm pela escola [...]. Consideramos bastante legítima esta preocupação no caso dos professores de filosofia por diversos motivos adicionais que esta disciplina encontra, como

a atual falta de tradição desse ensino nas escolas, levando a uma desconfiança de sua importância por parte dos jovens, a sua peculiaridade de ser um estudo bastante abstrato e dissertativo, a imagem/preconceito que se tem de que a filosofia é inútil (ASPIS; GALLO, 2009, p. 48).

Fato é que pedir a um jovem para ler ou escrever, com linguagem própria, o que entendeu sobre um texto lido pela primeira vez, com termos cunhados dentro de um contexto específico, é de fato uma tarefa das mais árduas e, porque não dizer, penosa. Goto (2007) afirma que quando se leciona Filosofia surgem duas questões na cabeça do jovem:

A primeira é: o que é filosofia? Ou, como explicita o título de um dos escritos de Heidegger: Que é isto – a filosofia? Se usarmos a linguagem de algum deles, poderemos traduzir a questão por: Que bagulho é isto – filosofia (ou filosofia)?

A segunda pergunta é: Pra que filosofia? Esta pergunta demanda e cobra respostas não apenas sobre a finalidade da filosofia, mas principalmente sobre sua serventia e sua utilidade (GOTO, 2007, p. 53).

O aluno precisa e quer saber a finalidade de estudar Filosofia e a indagação só aumenta à medida que não recebe uma resposta objetiva ou satisfatória, colocando o professor diante da situação que é conceituar toda a Filosofia em poucas palavras, para que o estudante consiga compreendê-la. Eis o dilema: como dar conta da complexidade da filosofia frente ao imediatismo dos alunos? O professor se vê desafiado a explicar o sentido de estudar Filosofia para jovens do Ensino Médio que esperam respostas objetivas e rápidas. Uma saída para responder aos alunos seria mesmo fazê-lo ao longo do processo de ensino aprendizagem.

“(…) na trajetória desse trabalho, o professor se vê como que obrigado a desculpar-se perante os adolescentes por tentar ensinar-lhe uma disciplina que exige deles uma atividade tão cansativa e que, como vários costumam lamentar, lhes dá dor de cabeça – a atividade de pensar” (GOTO, 2007, p. 55).

Posto isso, a Filosofia pode ser entendida como um acervo de ideias, mas também como um fazer, ou seja, um filosofar que se dá de várias maneiras. Cabendo ao professor conduzir o aluno no processo do pensar filosófico. Nesse sentido, Goto (2007, p. 64) diz que o filosofar “é amar e buscar a sabedoria, a filosofia tem por finalidade encontrar a sabedoria”.

O que justifica a presença da filosofia como disciplina no currículo do Ensino Médio é a oportunidade que ela oferece aos jovens estudantes de desenvolverem um pensamento crítico e autônomo. Em outras palavras, a filosofia permite que eles experimentem um “pensar por si mesmos” (ASPIS; GALLO, 2009, p. 43).

O aluno quando se questiona para que estudar Filosofia está, com isso, filosofando, uma vez que está inserido no contexto de indagação e busca por essa resposta, está praticando, mesmo sem saber o método Socrático, pois eles estão em busca da resposta, e o professor por ser aquele que conduz o aluno nessa busca para que eles descubram por si mesmos o conhecimento.

Diante dos problemas que o aluno encontra ao longo dos seus anos escolares, não se espera que o professor dei todas as respostas, mas sim que auxilie, ofereça ferramentas e métodos para que ele possa pensar, argumentar, crie e recrie para si os conceitos filosóficos em uma construção de uma autonomia do conhecimento.

E o ensino de Filosofia tem por finalidade promover o contato em sala de aula com o conhecimento filosófico. E são variados os recursos que podem auxiliar o professor nesse processo, e um deles é a utilização de textos filosóficos. Pois a atividade com os textos clássicos é uma maneira de trazer para a sala de aula a experiência filosófica.

A leitura e a escrita, nas aulas de Filosofia são uma maneira de desenvolver o filosofar a partir da problematização e da atividade de pensar o próprio pensamento, pensado e expresso pela escrita. Assim a Filosofia precisa,

[...] usar das mediações da leitura e da escrita, não como forma de avaliar determinado conteúdo filosófico desenvolvido pelos estudantes, mas como uma modalidade de desenvolvimento do pensamento dos alunos, como forma de ampliar seu universo interpretativo, permitindo que elaborem sentidos para o conteúdo filosófico mediante a construção de significados (GHEDIN, 2009, pp. 160-161).

Ao longo da vida escolar, o aluno aprende e tem contato com vários tipos de texto, literários, poéticos, históricos, e deve também ter a oportunidade de se deparar com um texto filosófico.

[...] Ler um texto filosófico não é apenas uma operação que nos informamos da matéria ou do conteúdo de uma teoria ou de uma doutrina, mas antes um conjunto de atos pelo qual nos familiarizamos com os textos e através destes aprofundamos com o texto e, por conseguinte, o exercício da reflexão. Ler um texto filosófico é realizar uma “doação de sentido”, doação dinâmica e pessoal [...] (RUSS, 2010, p. 80).

A leitura se dá em um processo, é um exercício. É a decodificação da mensagem, e para isso faz-se necessário dominar o código linguístico, seja do ponto de vista material quanto do ponto de vista dos conceitos empregados. Para Severino (2009), na leitura lidamos com palavras ou termos e com os conceitos ou ideais. Diz ainda que a leitura é um processo de decodificação do texto escrito com a intenção da apreensão e recepção da mensagem nela contida.

Porque a filosofia é um discurso dotado de características próprias, a iniciação a ela encontra um caminho seguro no ensino da leitura dessa modalidade de discurso, a fim de que os alunos aprendam a descobrir, no movimento e na ordenação das idéias de um texto, a lógica que sustenta a palavra filosófica para que possam analisá-la e comentá-la, primeiro, e interpretá-la, depois (CHAUÍ, 2009).

Para Ghedin (2009), a Filosofia é um processo reflexivo, ou seja, é uma atividade criativa e crítica, um fazer que cria conceitos à medida que os pensa em confronto com o real. Em assim sendo, é de suma importância a inserção da leitura de textos clássicos no dia a dia da sala de aula, sobretudo para os alunos de Filosofia, pois é fonte de desenvolvimento do conhecimento para o aluno.

De repente, porém, algumas palavras me "pegam". Insensivelmente, o escritor as desviou de seu sentido comum e costumeiro e elas me arrastam, como num turbilhão, para um sentido novo, que alcanço apenas graças a elas. O escritor me invade, passo a pensar de dentro dele e não apenas com ele, ele se pensa em mim ao falar em mim com palavras cujo sentido ele fez mudar. O livro que eu parecia dominar soberanamente apossa-se de mim, interpela-me, arrasta-me para o que eu não sabia, para o novo. O escritor não convida quem o lê a reencontrar o que já sabia, mas toca nas significações existentes para torná-las destoantes, estranhas, e para conquistar, por virtude dessa estranheza, uma nova harmonia que se apossa do leitor (CHAUÍ, 2009).

Mas o que faz um texto ser considerado clássico? Calvino (1993) afirma que são livros que quanto mais pensamos conhecer, mais se revelam novos, inéditos.

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (CALVINO, 1993, pp.11-12).

E a leitura de um clássico oferece surpresa, pois “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, pp.11). Ou seja,

por mais que estejamos relendo aquele texto, ele nunca terá esgotado o sentido que tem a nos apresentar. Por isso, é importante pensar a leitura como parte de um processo, um exercício constante. “Esta leitura é dinâmica e não passiva, ela se esforça por avançar rapidamente e captar as ideias diretrizes do texto” (RUSS, 2010, p. 80).

Pensando no contexto de sala de aula, é indispensável o uso dos textos clássicos nas aulas de Filosofia, uma vez que trazem o pensamento dos filósofos, além de transmitirem a história, a tradição da Filosofia e o contexto histórico.

Os textos, propriamente filosóficos são os consagrados pela tradição, são de filósofos conhecidos da História da Filosofia, como por exemplo, de Platão: A República; Aristóteles: Ética a Nicômaco; Voltaire: Cândido ou o Otimismo; Rousseau: Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Nietzsche: Genealogia da Moral; Wittgenstein: Investigações Filosóficas (HORN; VIEIRA, 2015, p. 54).

Em um esforço para que o aluno leia e tenha contato com o texto escrito pelo próprio filósofo, o professor extrai um fragmento de uma obra filosófica e utiliza em suas aulas, pedindo àquele que leia e diga o que entendeu ou debata o contexto do texto olhando para a sua realidade.

É, pois, um desafio ministrar as aulas de Filosofia e conseguir associar nesse contexto o uso de textos filosóficos frente às limitações da formação do professor e da estrutura de ensino como um todo. No entanto,

(...) a aula de Filosofia, em algum momento, deve passar pelo texto clássico de filosofia uma vez que o diálogo com a tradição, com o pensamento pensado, é algo essencial para que ocorra a indagação, a reflexão quanto ao mundo que nos circunda. O texto clássico é clássico por que fala de seu tempo, mas ele pode dizer alguma coisa para o nosso tempo, é nesse sentido que ele é importante, não é para fazer o aluno conhecer de forma abstrata a filosofia, mas para ele adquirir o instrumental para compreender sua realidade, participar de sua realidade (HORN; VIEIRA, 2015, p.61).

O uso de textos clássicos em sala de aula requer método, fundamentação e preparo por parte do professor, dado que, no primeiro momento, o aluno enfrentará dificuldades, sejam as mais genéricas, como a dificuldade na leitura e interpretação, na escrita, quanto as mais comuns à Filosofia, como o não entendimento do contexto em que o filósofo escreveu, a linguagem e os conceitos utilizados de forma que seja compreensível no momento da leitura do texto.

3 A LEITURA FILOSÓFICA E O USO DOS TEXTOS CLÁSSICOS COMO METODOLOGIA EM SALA DE AULA

A proposta de uma leitura filosófica pretende fazer com que o aluno tenha contato com o texto clássico, em sua linguagem própria, conhecendo os conceitos elaborados pelo autor, sabendo que é um texto que está inserido em um período histórico específico.

Essa familiaridade com o texto filosófico incentiva o aluno a não ser passivo no processo de leitura e construção do conhecimento, pois a intenção não é simplesmente apresentar um texto como um produto acabado, e sim fazer com que primeiro o educando leia, compreenda e apreenda, em um exercício interpretativo e reflexivo, o que o autor tem a dizer, para com isso exercitar sua capacidade de problematização.

Ora, quem quer que se tenha familiarizado com o empreendimento filosófico – seja por meio da leitura dos clássicos, seja por uma tendência natural a pensar detidamente sobre questões intrigantes – não terá nenhuma dificuldade em reconhecer que a Filosofia estimula e desenvolve nas pessoas o senso crítico, algo que é essencial para que elas atinjam sua autonomia intelectual (SILVA, 2011, p. 207).

Existem várias formas de ensinar Filosofia e vários caminhos para isso e o que se propõe nesta pesquisa é mostrar uma forma, uma metodologia, dentre outras que o professor pode utilizar, que dinamize o processo de uso do texto filosófico clássico na sala de aula a partir de uma metodologia de leitura que leve o estudante a ter acesso ao texto original, que o compreenda, reflita e problematize.

Uma primeira distinção a ser feita sobre a presença do texto filosófico num material didático é sobre sua natureza. Basicamente podemos distinguir duas formas de sua presença: a) como citação curta, no corpo de um texto discursivo sobre determinada questão filosófica, ou em destaque, como uma citação longa; b) ou ainda como fragmento de um texto, podendo ser curto ou longo [...]

Outra observação necessária se refere à presença de textos clássicos ou de comentadores [...]. Enquanto o comentador é auxiliar no processo de compreensão de um conceito no pensamento de um filósofo, o texto clássico é a busca pelo entendimento do conceito direto na fonte ou pode ser o próprio objeto de investigação (HORN; VALESE, 2012, 161).

Uma obra filosófica representa um contexto, um todo, e cada filósofo tem uma abordagem específica e que dá sentido aquela obra. Por isso, ler um texto filosófico

requer entender o todo em que foi construído para então partir para a compreensão dos conceitos e das ideias do autor.

[...] aprender a mensagem global da unidade de leitura, de modo que o leitor tenha uma visão da integralidade do raciocínio desenvolvido pelo autor, levando-o tanto à compreensão dessa mensagem quanto à sua interpretação (SEVERINO, 2009, p. 13).

No processo de leitura e problematização, o aluno aprimora seu filosofar, além de ser uma maneira de construir um pensar autônomo.

[...] o processo do filosofar é um trabalho necessariamente com conceitos e com uma linguagem, só que situados num plano específico, distinto [...]. Sem dúvida, isso pode fazer da linguagem filosófica uma linguagem mais difícil: não que ela seja propriamente mais difícil, na verdade ela é diferente daquelas com as quais estamos mais acostumados. Trata-se de uma linguagem mais abstrata, mas nem por isso deixará de nos traduzir a realidade concreta, onde se dá a nossa experiência (CALVINO, 1993, p. 12).

Portanto, ler, de um modo filosófico, não é simplesmente ler o texto clássico e dizer prontamente o que entendeu, em uma pressa de compreender e superar aquele texto ou mesmo aquela aula.

Ler, escreve Merleau-Ponty, é fazer a experiência da “retomada do pensamento de outrem através de sua palavra”, é uma reflexão em outrem, que enriquece nossos próprios pensamentos. Por isso, prossegue Merleau-Ponty, “começo a compreender uma filosofia deslizando para dentro dela, na maneira de existir de seu pensamento”, isto é, em seu discurso (CHAUÍ, 2009).

A habilidade da leitura é algo que precisa ser desenvolvido e fomentado dentro de uma metodologia que auxilie no entendimento do que se está lendo. Usar textos filosóficos em sala de aula é possível, desde que partam da compreensão dentro do contexto em que foram escritos, o significado dado pelo próprio filósofo ao desenvolver aquele pensamento, para aí sim, refletir fazendo um confronto com outras teorias ou com o próprio entendimento do aluno, fazendo com que este tenha uma experiência filosófica na sala de aula.

[...] a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os "seus" clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola (CALVINO, 1993, p.13).

Deve-se considerar, contudo, que a leitura filosófica possui um nível e um vocabulário muito específico, que em um primeiro contato será difícil para o aluno compreender se não tiver o direcionamento adequado dessa leitura.

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações (CALVINO, 1993, p.12).

Tão importante quanto a leitura é o processo de escrita, ou seja, garantir ao aluno um momento para a produção própria, oportunidade em que vai organizar o pensamento, expressar seu entendimento e propriamente se expressar por meio da escrita. Isso requer exercício gradativo e contínuo, pois, muitos alunos têm dificuldade em pôr no papel o que compreendem. Por isso é importante o uso de uma linguagem mais próxima daquela utilizada pelo aluno.

[...]. Isso significa que filosofar com o cotidiano do aluno a partir da música, dos jornais, das poesias, enfim com o universo cultural do jovem, não significa abandonar ou perder de vista o texto filosófico [...], mas, ao contrário, introduzi-lo conscientemente como referência para a reflexão filosófica. Não é preciso, necessariamente, partir do texto filosófico, mas é preciso – de um jeito ou de outro – chegar a ele (HORN, 2002 apud HORN; VALESE, 2012, 161).

A metodologia de leitura filosófica a partir de textos clássicos proposta neste trabalho se alicerça em linhas gerais nas abordagens de Severino (2009); Melo (2013), Azar Filho e Ribeiro (2014).

Neste sentido, Melo (2013) sugere que o procedimento metodológico para as aulas de Filosofia no Ensino Médio consista nas seguintes etapas:

- a) utilização de recurso não filosófico (músicas, poesias, imagens etc.), com o objetivo de sensibilizar o aluno do Ensino Médio para o tema trabalhado na aula e, assim, buscar construir uma ponte entre o saber erudito e o cotidiano do aluno;
- b) utilização de textos diversos: textos didáticos, trechos de textos filosóficos e textos complementares (como dados biográficos, explicitação de verbetes em dicionários filosóficos ou da língua portuguesa etc.), visando a apropriação do aluno do saber didático-filosófico sobre o tema em questão;
- c) elaboração e aplicação de atividades avaliativas com questões reflexivas, objetivando a elaboração do pensamento crítico e reflexivo dos alunos;
- d) o debate argumentado e o levantamento de questões em todo o processo de ensino-aprendizagem. É importante frisar que essas etapas não precisam

seguir, necessariamente, a ordem explicitada anteriormente. Como elas serão utilizadas, dependem unicamente do docente (MELO, 2013, p. 6).

Além dessas etapas, foi adaptado à metodologia da leitura filosófica o processo de leitura analítica proposto por Severino (2009).

A atividade de leitura de um texto, [...], realiza-se por meio de uma sequência de etapas essenciais: etapa de análise textual; etapa de análise temática; etapa de análise interpretativa; etapa de problematização; etapa de reelaboração reflexiva (SEVERINO, 2009, p. 14).

A partir disso, foi possível criar uma metodologia que se propõe a auxiliar o professor em sua prática em sala de aula, utilizando-se de diversos recursos não filosóficos e formas de trabalhar um único texto. Cabe a este, no entanto, observar a etapa escolar e as peculiaridades dos alunos, quanto à leitura, escrita e interpretação textual e adaptar o seu planejamento e a metodologia diante de cada realidade. Pois é possível que ele não consiga utilizar-se na integralidade da proposta de leitura filosófica aqui apresentada.

Ao fazer uso da metodologia, o aluno desenvolve a competência de realizar uma leitura significativa dos textos filosóficos, enquanto o professor pode ampliar esse processo, oferecendo outros textos de diferentes estruturas e registros, tais como artigo de jornal, poesia, romance, programa de televisão, filme, peça teatral, música, pintura, propaganda, texto científico, dentre outros. Assim, o professor consegue planejar suas aulas utilizando o texto filosófico clássico e buscando que o aluno desperte o interesse pela leitura e pela escrita.

Para colocar em prática a metodologia proposta, o primeiro passo é escolher um texto clássico de Filosofia que tenha relação com o tema da aula ou da unidade que será trabalhada com a turma. A partir disso, o professor pode escolher os recursos adicionais (imagem, filme, música, etc.), selecionar os textos complementares que podem constar do próprio livro didático.

Visando um melhor entendimento, segue um esquema que pode ser adaptado aos diversos temas do Ensino Médio. Aqui será utilizado como exemplo o texto de Platão que consta no Livro VII (A alegoria da caverna) da obra *A República*.

3.1 Método da Leitura Filosófica – Proposta

Tema: Justiça

Recursos utilizados:

- Texto filosófico: A Republica, livro VII (A Alegoria da caverna).
- Filmes para recomendar aos alunos: O conformista (1970) / Matrix (1999) / O show de Truman (1998).
- Leitura complementar: Marçal, Jairo (org.). Antologia de Textos Filosóficos. Curitiba: SEED-PR, 2009. 736 p. Páginas 543-547.

Uma vez escolhidos o texto clássico, o recurso e a leitura complementar o professor deve esquematizar a metodologia. Segue uma proposta que pode ser adaptada de acordo com o tema e textos trabalhados em sala de aula.

1º momento: Decodificação e decifração

a. Primeira leitura panorâmica

É o primeiro contato do aluno com o texto, quando ele vai lidar com as palavras, conceitos e termos próprios daquela leitura pela primeira vez. Esse momento de contato com o texto é uma espécie de preparação para a leitura em si. Deve ser uma leitura sem pausas, apenas observando aquilo que está sendo exposto pelo autor.

Terminada a primeira leitura, o aluno deve proceder o registro dos elementos mais importantes do texto, anotando aquilo que não compreendeu e anotando os pontos que precisam ser esclarecidos.

b. Nova leitura – esquematizando o texto

É o momento que o aluno vai esquematizar a leitura. Primeiro toma seus apontamentos e sublinha os conceitos contidos no texto e que por serem novos necessitarão de uma pesquisa para compreensão do seu sentido.

Posteriormente é a hora de buscar as informações do autor que escreveu aquele texto, fazendo uso do texto complementar ou do próprio livro didático. Ou se o professor preferir ampliar essa metodologia para outra aula poderá propor a pesquisa dos conceitos e sobre o autor para ser feita em casa e dar continuidade na metodologia na aula seguinte.

Obtenção de informações

a. Análise temática – busca da compreensão mais clara possível da mensagem do autor.

Esse é o momento da segunda leitura, com o objetivo de fazer uma análise temática do texto, buscando compreender de forma objetiva a mensagem do autor. Para não haver confusão sobre o objetivo desse momento, que ainda não é a interpretação do texto, o professor deve propor perguntas norteadoras.

b. Questões norteadoras:

- Do que está falando, qual o tema ou assunto do texto?
- Qual o problema que se coloca, ou seja, por que o tema está em questão?

A partir dessas perguntas, e de outras que o professor pode elaborar, o aluno vai perguntando ao autor do texto quais as respostas que ele está dando a partir daquela leitura.

2º momento: Interpretação de forma crítica das ideias contidas no texto

Dialogando com o autor do texto.

É a fase que torna a leitura um processo crítico. Pois a compreensão se dará a partir dos dados de fora do texto interpelando o autor, discutindo com ele (Severino, 2009, p. 19).

- Contexto histórico onde a obra está inserida, principais influências no conjunto do pensamento do autor;
- Situação do autor, contexto daquela obra e qual a reflexão que ele apresenta. Nesse momento são elucidados os principais CONCEITOS que a leitura trouxe no contexto filosófico;
- Explicação dos pressupostos apresentados a partir da leitura filosófica do texto clássico;
- Levantamento das ideias associadas as que estão presentes no texto lido.
- Formulação de críticas.

a. Problematização

- Levantamento dos problemas para a reflexão pessoal e coletiva;
- Transcrição das análises feitas e construção do texto próprio: nesse estágio o aluno vai produzir, escrever, registrar as reflexões que teve a partir do processo da leitura filosófica daquele texto trabalhado em sala de aula.

b. Reelaboração reflexiva / ou etapa da Avaliação. Adaptado das questões proposta por Azar Filho e Ribeiro (2014, p.23):

Aqui são apresentadas três opções de avaliação que o professor deve proceder como conclusão da atividade de leitura filosófica:

Opção para o debate em sala de aula

- Como você compreende o texto de Platão? Você se percebe como um prisioneiro?
- Quais as consequências individuais e políticas de um modo de vida estagnado na caverna?

Opção para uma atividade de pesquisa (individual ou em grupo)

- A partir da leitura de jornais, revistas, internet: monte um mural, uma espécie de “parede da caverna”, com colagens de notícias, slogans ou imagens que, na sua visão sejam falsos ou ilusórios.

Opção para estimular que o aluno pratique a reflexão e a produção textual

- Escreva sobre um dos seguintes assuntos: mentira e verdade; o poder das imagens; o que significa ser livre; conhecimento e política;
(o professor deve dar liberdade para que o aluno se expresse, seja por meio de uma dissertação ou da narrativa de uma experiência)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ensino de Filosofia no Ensino Médio passou por períodos de presença e ausência no currículo escolar. Após um longo período de descontinuidade, a disciplina voltou ao currículo da educação básica e diante do contexto atual surge a necessidade de se pensar na forma como a Filosofia está sendo trabalhada em sala de aula.

A Filosofia tem por característica ser uma atividade de criação de conceitos e, por isso, a aula precisa escapar dos modelos conteudistas e que simplesmente falam de História da Filosofia, para enfatizar as competências e habilidades traçadas para o ensino de Filosofia, e ir além, buscar o caráter prático da disciplina.

A leitura de textos clássicos traz essa oportunidade ao aluno, pois trata de conceitos, apresenta ao aluno os filósofos que ao longo da história da Filosofia construíram teorias e conceitos para ler a sua realidade. E a escola tem esse papel, de proporcionar ao estudante o contato com o texto clássico para a partir disso poder caminhar para um fazer filosófico, um filosofar.

Por isso, ao pesquisar o tema do ensino de Filosofia no Ensino Médio, foi aqui apresentada a proposta de leitura filosófica de textos clássicos, pois pouco a pouco vem se debatendo e tentando superar a ideia de que o ensino de Filosofia deva estar restrito a manuais. Defende-se aqui a possibilidade de se promover o contato do aluno com o texto filosófico nas aulas de Filosofia de forma que incentive a autonomia intelectual do aluno, para isso é preciso criar um método.

Nosso olhar voltou-se para o uso de texto clássico de Filosofia, e porquê? Por que é a partir dele que podemos encontrar as bases da Filosofia e da sua história. São textos que continuam atuais, pois carregam questões intrigantes que instigam a problematização, a indagação e a reflexão.

Portanto, a finalidade desta pesquisa foi a de justamente apresentar um procedimento metodológico por meio do qual o aluno possa ter contato com o texto clássico de Filosofia, e não só isso – a partir da leitura filosófica consiga problematizar sobre o assunto em questão, conceituar, aprender os conceitos filosóficos, e aí sim problematizar e apresentar seu entendimento sobre a unidade.

A ideia é desafiadora, pois sabe-se da dificuldade de leitura e compreensão textual que os alunos têm, e como o texto filosófico tem uma linguagem muito específica isso poderia dificultar a entendimento do aluno. Cabe ao professor enfrentar

esse desafio, propor para o aluno a leitura filosófica como uma oportunidade de amadurecimento intelectual, compreensão da teoria filosófica. Além de ser um meio para o desenvolvimento da sua capacidade de leitura do aluno e compreensão, interpretação de textos clássicos filosóficos.

Posto isso, espera-se com essa proposta que a partir do estudo do texto clássico filosófico o aluno pratique, aprenda a ler, e essa leitura deve ser uma leitura analítica, fundamentada em procedimentos. Pois a Filosofia é criativa, por isso, o estudante que se depara com ela vai aprender Filosofia fazendo Filosofia, exercitando cotidianamente na sala de aula o exercício filosófico de pensar e repensar o que já foi produzido filosoficamente.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

AZAR FILHO, Celso Martins; RIBEIRO, Luís Antônio Cunha. **Para que filosofia?: um guia de leitura para o ensino médio**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em 02 maio de 2018.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: companhia das letras, 1993.

CHAUÍ, Marilena. Prefácio. In: **Antologia de Textos Filosóficos**. Jairo Marçal, organizador. Curitiba: SEED/PR, 2009. Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1509>>. Acesso em 02 janeiro de 2018.

GOTO, Roberto. Que bagulho é isto – Filosofia? In: SILVEIRA, Renê J.T.; GOTO, Roberto (orgs). **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortes editora, 2009.

HORN, Geraldo Balduino e VALESE, Rui. O texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio: análise e proposição a partir da experiência paranaense. In: **Filosofia e Educação**, v. 4, nº 1, abril-set. de 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635442> >. Acesso em 02 janeiro de 2018.

MARÇAL, Jairo (org.). **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED/PR, 2009. Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1509>>. Acesso em 02 janeiro de 2018.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. Sugestões metodológicas para o ensino de filosofia no Ensino Médio. In: **Anais da semana de pedagogia – UFAL**, 2013. Disponível em: <<http://semanadepedagogiaufal.com.br/anais>>. Acesso em 02 janeiro de 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Guia de Livros Didáticos PNLD 2012: Filosofia**. Brasília. Secretaria de Educação Básica, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em 20 abril de 2018.

PINHO, Romana Isabel Brázio Valente. O Ensino da Filosofia no Brasil: considerações históricas e político-legislativas. In: **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 28, n. 56, p. 757-771, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22472> >. Acesso em 02 janeiro de 2018.

RUSS, Jacqueline. **Os métodos em filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Como ler um texto de filosofia**. São Paulo: Paulus, 2009.

SILVA, Thiago Cruz da. A Filosofia no Ensino Médio: Por que, o que e como ensiná-la? In: **Humanidades em diálogo**, vol. IV, N. I, Jun. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/viewFile/106199/104871>>. Acesso em 02 maio de 2018.

VIEIRA, Wilson José Vieira; HORN, Geraldo Balduino. O sentido e o lugar do texto filosófico nas aulas de filosofia do Ensino Médio. In: **Revista Digital de Ensino de Filosofia**. Santa Maria – vol.1, n.2, jul./dez. 2015.